

*XIX Cimeira Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo: Inovação e Conhecimento.*

**Seminário**

**Políticas públicas para fortalecer o enquadramento institucional: uma agenda prioritária**

UTM, Monterrey, México; 8-10 de Julho de 2009.

**Enrique V. Iglesias**

**Secretário-Geral Ibero-Americano**

1. Existe um consenso generalizado acerca do papel da inovação como principal motor do desenvolvimento, capaz de gerar e sustentar ciclos prolongados de crescimento. Embora no passado o centro do progresso técnico tenha sido a indústria, hoje em dia a inovação penetra em todos os sectores de produção: serviços, agricultura, recursos naturais .
2. A América Latina precisa da inovação para dar um salto nas áreas-chave para a prosperidade e o crescimento das nossas economias. Precisamos de inovação para aumentar a oferta de produtos agrícolas e a oferta de energia de que o mundo precisa. A América Latina possui vantagens comparativas, pode fazê-lo para benefício da própria região e para satisfazer a procura mundial, mas não o pode fazer com tecnologias obsoletas – tem de integrar e inovar para melhorar a produtividade e garantir a sustentabilidade da oferta.
3. Também precisamos de inovação para fornecer serviços sociais a toda a sociedade, especialmente uma educação e saúde que nos aproximem de sociedades mais coesas. Dispomos de um vasto leque de aplicações e metodologias inovadoras para dar resposta aos problemas de acesso aos serviços públicos da população mais desprotegida.
4. Contudo, o verdadeiro desafio da região é utilizar a inovação para desenvolver sectores de maior complexidade produtiva, intensivos em capital humano. Estes sectores que integram o conhecimento na produção devem permitir diversificar a estrutura da produção e do comércio externo e, assim, reduzir a vulnerabilidade das economias latino-americanas.
5. Portanto, não é de admirar que os países ibero-americanos tenham escolhido a inovação e o conhecimento como tema principal da próxima Cimeira Ibero-Americana. Isto significa que na próxima cimeira os Chefes de Estado e de Governo terão de analisar propostas concretas para promover a inovação e o conhecimento nas sociedades e nas economias da América Latina.

6. Para isso teremos de preparar e elaborar as opções mais adequadas para a região ibero-americana. Esta preparação foi estruturada num Ateliê, quatro Seminários e uma Reunião Ministerial. Este é o terceiro dos seminários que estamos a realizar como preparação para a XIX Cimeira Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo sobre “Inovação e Conhecimento”. O primeiro teve lugar há poucas semanas na Argentina e o segundo há dez dias no Brasil.
7. Nestes seminários estamos a rever três questões relevantes para promover a inovação e o conhecimento: o enquadramento institucional, a participação do sector privado no processo de inovação e o papel das universidades e laboratórios na criação e divulgação do conhecimento.

***A inovação e os desequilíbrios são questões centrais na agenda de recuperação económica.***

8. A economia mundial entrou em recessão e encontra-se face a perspectivas difíceis. Os problemas originados nos sectores financeiros dos Estados Unidos e outras economias avançadas desencadearam uma crise global no último trimestre de 2008. Espera-se que a economia mundial se contraia quase 1½% em 2009, uma queda na actividade semelhante à esperada para a América Latina. Para as economias avançadas espera-se um desempenho ainda pior.
9. Nalgumas questões houve avanços importantes. Existiu uma evolução na implementação de políticas públicas – fiscais e monetárias – orientadas para aumentar a procura, incluindo a dotação de maiores recursos aos organismos internacionais para aumentarem de forma rápida e considerável os seus empréstimos aos países em vias de desenvolvimento. Do mesmo modo, foram atingidos avanços no restabelecimento da credibilidade dos sistemas financeiros nacionais, embora existam ainda algumas incertidões relativamente a esta questão. Também se gerou um certo consenso acerca das necessárias reformas dos sistemas financeiros e dos organismos internacionais, e sobre esta agenda foram dados passos importantes.
10. No entanto, não é dada tanta atenção ao estabelecimento das bases que permitam restabelecer o crescimento mundial sustentável. Os incentivos fiscais e monetários e a recuperação da estabilidade dos sistemas financeiros são imprescindíveis, mas seria um erro supor que, com eles, a “normalidade anterior” será restabelecida. Encontramo-nos face a alterações profundas, dado que as novas e crescentes necessidades da população mundial geraram desequilíbrios espaciais e geracionais aos quais as economias se têm de adaptar.
11. Prova disso é a enorme procura de alimentos, especialmente proveniente da Ásia em desenvolvimento, e a necessidade imperiosa de evolução das energias

renováveis, bem como o envelhecimento da população mundial, com a sua crescente procura de alimentos especializados, produtos médicos e de ajuda à mobilidade e ao bem-estar. Em todos estes âmbitos a América Latina tem grandes possibilidades de ser um interveniente importante.

12. Também teremos de fazer face a um mundo onde continuará a haver concentração de capital e deslocalização da produção e onde irão continuar a aparecer nichos de procura no consumo de bens e serviços. Tudo isto num contexto em que a globalização exacerba a concorrência. Será portanto necessário repensar como competir no contexto de uma procura mundial que, embora a um ritmo menor do que nos últimos anos, continuará a criar oportunidades em vários sectores. No caso dos serviços, do turismo (massivo e de nichos) e da atenção aos sectores de mais idade aos serviços médicos e de engenharia ou à adaptação do *software* associado às tecnologias da informação. Do mesmo modo, as empresas da região farão parte das cadeias de valor à escala global, mas o principal desafio será escalar essas cadeias impondo produtos com maior valor adicionado e, especialmente, maior conhecimento.
  
13. Um elemento central para as economias se adaptarem a estas mudanças é, sem dúvida, o reconhecimento da inovação como motor de crescimento. A transformação tecnológica das últimas décadas lança as bases para um crescimento sustentável, uma perspectiva que beneficia da plena adaptação ao mundo em desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação e, muito especialmente, das alterações tecnológicas associadas à bioe à nanotecnologia e aos novos materiais. Estas transformações tecnológicas possuem a característica de atravessar todos os sectores e requerer, em muitos casos, adaptações concretas e muito focalizadas para serem capazes de transformar os procesos de produção e ajudar a diversificar a actividade económica.

### ***O enquadramento institucional, uma chave para o processo de inovação***

14. Nestes dois dias iremos abordar o enquadramento institucional da inovação. Para começar o diálogo sobre esta questão, é conveniente enfatizar que as instituições moldam o comportamento dos indivíduos em contextos em que a eficiência das suas acções dependem da interacção com outros indivíduos. Isto é, as instituições determinam quais os padrões de comportamento potenciados quais os padrões de comportamento dissuadidos. Considerar que as instituições ajudam a moldar o comportamento dos indivíduos ganha especial relevância quando nos referimos à inovação, dado que, ao contrário da visão cada vez menos representativa segundo a qual os avanços tecnológicos derivavam de forma linear dos avanços científicos, a

inovação é cada vez mais o resultado de processos de interacção em redes entre agentes diferentes. As instituições são essenciais para facilitar esse processo.

15. Por outras palavras, dado que a inovação e o progresso técnico são o resultado de uma complexa série de relações entre os agentes que produzem, distribuem e aplicam vários tipos de conhecimento, o desempenho inovador de um país irá depender em grande medida de como esses agentes estarão relacionados entre si como partes ou elementos integrantes de um sistema colectivo de geração de conhecimentos. Por outras palavras, o enquadramento institucional é composto por agências, pela vinculação que as une e pelas políticas que implementam.

16. A institucionalidade associada à inovação cria uma série de questões

### *Algumas questões*

- As Agências de Inovação deveriam ser um elemento central na concepção da política de inovação, tal como foram o Japão e a Coreia? Ou devem ser mais difusas como no “sistema aberto” dos E.U.A.?. Ou devem ser agências com um estatuto mais intermédio entre os dois extremos como o caso da Finlândia?
- Sob que condições e princípios de organização podem essas Agências ter sucesso na formulação e implementação de estratégias e políticas/incentivos que as sustentam?
- Em que grau e como deve o sector público interagir com o sector privado em forma de uma aliança?
- Que tipo de institucionalidade pública motiva um alto grau de profissionalismo no serviço civil que o torna num sócio credível do sector privado em matéria de inovação?
- Qual o enquadramento institucional que permite autonomia de acção dos agentes públicos face aos objectivos acordados mas com uma prestação de contas relativamente à eficácia das suas políticas e programas de incentivos?
- Que institucionalidade mobiliza os recursos financeiros públicos adequados para apoiar a inovação face a requerimentos alternativos da sociedade e do corpo político?

### *A história e a situação de cada país: determinantes para a concepção institucional*

17. A resposta a várias destas questões deve ter em conta que os países da América Latina apresentam uma considerável heterogeneidade em termos da sua experiência com a inovação e com os institutos públicos vinculados à mesma. Essa experiência não só tem a ver com os diferentes níveis de desenvolvimento mas também, em muitos casos, com as características adoptadas pelo processo de industrialização nos

diferentes países e com a natureza dos ajustes estruturais das duas últimas décadas. Por outras palavras, o sistema ou rede de inovação de um país está ligado a um espaço geográfico, económico e social específico no contexto de caminhos anteriores. É por esta razão que a história é um factor condicionante ao determinar quais as instituições mais adequadas para os diferentes países. Portanto, as respostas a algumas das perguntas formuladas irão depender dessa história e da capacidade de se adaptarem a um mundo em transformação e cada vez mais dependente da inovação para o desenvolvimento.

18. Embora as experiências noutros sítios do mundo, ou até em diferentes países dentro da região, não possam, pelas razões acima referidas, ser copiadas, existe sem dúvida uma margem para a aprendizagem e o aproveitamento de princípios de organização que se pode deduzir destas experiências. É por isso que discutir algumas delas pode ser útil para pensar na institucionalidade associada à inovação.
19. Tal como dizíamos no Brasil há poucos dias, gostaria de terminar lembrando que os países que tiveram sucesso na promoção de processos de inovação foram países que se comprometeram com estratégias a longo prazo, o que significa definir objectivos, programas e também esforço financeiro. Isto é impossível sem um enquadramento institucional adequado. Convencidos disto, iremos dedicar estes dias a analisar como podemos fortalecer as instituições ligadas à inovação na América Latina, e como podemos lançar as bases de um programa ibero-americano na matéria.